



## EVOLUÇÃO E DOCTRINA DA SALVAÇÃO

*(Evolution and Salvation)*

### Josiney Alves de Souza

Doutor em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Professor do Departamento de Matemática da Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
Bacharel Eclesiástico Livre pelo Instituto de Correspondência Internacional (ICI)  
Filiado a Global University  
E-mail: jasouza3@uem.br

### RESUMO

Baseada nas suposições da teoria evolucionária, a teologia da natureza reinterpreta a cosmovisão cristã e atribui sentido diverso para entendimentos bíblicos tradicionais de Criação, livre arbítrio, pecado, queda e redenção. O presente manuscrito analisa como essas variações de sentido afetam a concepção bíblica de salvação. Verifica-se que a evolução plena do homem é inconcebível pela trivialidade do mecanismo darwiniano, cuja superestimada aplicação compreende uma ação divina restringida ao mero acompanhamento interior e solidário ao sofrimento humano. Nesses aspectos, fica descaracterizada a intervenção divina para a salvação imediata. É também demonstrado que as Escrituras Sagradas contêm uma exposição própria sobre a evolução corpóreo-espiritual do homem, sendo, assim, definitivamente desnecessário o apelo ao paradigma darwiniano. Pelo contrário, deduz-se que as variações nas concepções cristãs são frutos da mudança nos alicerces do pensamento, cuja extrapolação abre caminho para heresias.

**Palavras-chave:** Evolução; doutrina da salvação

### ABSTRACT

Based on the assumptions of evolutionary theory, the theology of nature reinterprets the Christian worldview and delivers otherwise to traditional biblical understanding of Creation, free will, sin, fall, and redemption. The present manuscript shows how these variations affect the biblical conception of salvation. One verifies that the entire evolution of man is inconceivable by the triviality of the Darwinian mechanism, whose overvalued application comprises a divine action restricted to ordinary interior tracking compassionate to human suffering. In these aspects, the divine intervention for the immediate salvation is mischaracterized. It is also shown that the Scriptures contain own display of body-spiritual evolution of man, hence it is not necessary to consider the Darwinian paradigm. On the contrary, it appears that variations in Christian conceptions are results of change in basics of thought, whose extrapolation gives way to heresy.

**Keywords:** Evolution; salvation

### INTRODUÇÃO

Desde o tempo de Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), o pensamento evolucionista tem influenciado uma revisão da teologia, principalmente em relação às questões da origem, do sofrimento, da expiação, do futuro e da própria ação divina no mundo. As ideias evolucionistas



têm ajudado a compreender melhor muitas verdades bíblicas, porém, alguns casos extrapolam na confiança em Darwin, invertendo-se valores e gerando absurdos.

A teoria da evolução se sustenta na hipótese do *Big Bang*, que pressupõe o surgimento da matéria a partir de uma desmesurada explosão de energia, cujo efeito resultante é a formação do cosmo. Se o *Big Bang* descreve como essencialmente o universo foi criado, faz sentido tratar a evolução como o processo sob o qual todas as criaturas surgiram, incluindo o ser humano. Porém, como diz o renomado professor John Haught, “nunca é prudente que a teologia se atrele demais a qualquer consenso científico corrente”.<sup>1</sup> O modelo *Big Bang* de universo é, sem dúvidas, uma boa estratégia pedagógica de explicar a origem de todas as coisas. Porém, a presença humana na história cósmica exige um modelo muito mais sofisticado, que contemple a entidade completa formada de matéria, mente e espírito. Essa era a perspectiva de Teilhard de Chardin, mas nem a cosmologia, nem a geologia deram atenção ao jesuíta e cientista francês. É bem provável que a existência será sempre um mistério para o ser humano, o qual necessita da fé em Deus para se contentar com aquilo que for capaz de conceber.

Como asseverado, a teologia não deve se vincular demais às suposições evolucionistas. Entretanto, na tentativa de conciliar os “postulados” da evolução com a fé cristã, os teólogos da natureza não viram outra saída senão, primeiramente, assumir um caráter mitológico dos relatos iniciais do Gênesis. Surpreendentemente, uma vez que concepções judaico-cristãs são supostamente incompatíveis com preceitos evolucionistas, a teologia da natureza propõe uma reinterpretação dos textos sagrados. Essa é uma postura acadêmica sincera, porém, arriscada. Uma vez fundados os alicerces na teoria de Darwin, o risco latente é de uma visão trivializante da sublimidade da obra criadora e salvífica de Deus.<sup>2</sup>

## PERFEIÇÃO DA CRIAÇÃO, QUEDA E REDENÇÃO

Segundo a tradição cristã, o sofrimento e os desastres não faziam parte da vontade de Deus na fundação do universo, o qual foi finamente ajustado para receber a vida e a humanidade. Visto que Deus é perfeito e bom, tudo o que provém Dele deve ser perfeito e bom. Assim foi com a Criação Primária, conforme está escrito: “e Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom” (Gn 1,31). O texto bíblico afirma que a Criação Primária foi acabada (cf. Gn 2,1) e, com isso, Deus descansou de toda a obra que tinha feito (cf. Gn 2,2). Deus não se cansou do trabalho, mas ficou satisfeito com o resultado, o que indica novamente que a obra foi perfeita. Para concluir definitivamente o esmero da obra, o texto diz que Deus abençoou e santificou o momento da consumação (cf. Gn 2,3). Evidentemente, a ação criadora divina deu continuidade ao processo evolutivo do universo, concedendo liberdade à natureza para cooperar com a obra magnífica. Nesse processo, a participação humana foi decisiva (cf. Gn 3).

Para a teologia da natureza, no entanto, o cosmo nunca foi perfeito, mas evoluiu para a perfeição no futuro. Essa é a posição de conceituadíssimos especialistas como o professor de ciência e

---

<sup>1</sup> HAUGHT, Cristianismo e ciência, p. 160.

<sup>2</sup> Neste manuscrito, faremos referência à Doutrina da Salvação conforme o tratado didático-sistemático DUNCAN, Doutrina da Salvação, 2007.



religião John Haught. “É difícil compatibilizar o caráter evolucionário da natureza com uma nostalgia retrógrada de um hipotético estado de perfeição original. Não obstante, a evolução é compatível com a esperança de uma futura consumação final”<sup>3</sup>. Os embasamentos dessa perspectiva reúnem os seguintes preceitos da teoria evolucionária: “o universo emergiu gradativamente a partir de um estado de simplicidade relativa e ainda permanece inacabado”; “um estado de absoluta integridade cósmica no reino do ser criado ainda não se realizou”. Isso significa que nenhuma criação primária foi concluída, invertendo-se o sentido de Gn 1-2. Uma vez que a ideia de um universo primordialmente perfeito é incompatível com as suposições evolucionistas, a teologia da natureza passa a considerar aspectos míticos nos textos sagrados.

Todavia, independentemente dos preceitos evolucionários, Haught aponta um problema lógico na concepção de um paraíso onde tudo era perfeito. Repercutindo Teilhard de Chardin, questiona o hábito de se associar primariamente sacrifício e expiação<sup>4</sup>. Estando a queda do homem tradicionalmente ligada à falência da perfeição cósmica, configura-se um aparente contrassenso. “A lógica operativa aqui é que, se um estado de plenitude paradisíaca precedeu a falta original, então a própria falta não pode ter sido algo banal”<sup>5</sup>. O argumento é que um homem perfeito segundo a vontade de Deus não pode ter bruscamente cometido uma ofensa gravíssima, ao ponto de ser necessária uma correção extrema (sacrifício) para ajudá-lo a entender como agir de maneira correta. Logo, pela via contra positiva, a imperfeição esteve presente desde o início da criação.

Essa sentença reflete um sofisma quando ponderada a partir da perspectiva bíblica tradicional. O raciocínio não leva em consideração o livre arbítrio do ser humano, que opera na subjetividade e não está sujeito às leis naturais. A ofensa humana contra Deus, de fato, não tem lógica, pois foi originada espontaneamente no interior dialeticamente insondável do homem. Como Haught mesmo afirma:

A liberdade, afinal, não é algo que possa ser causado, pois causar alguma coisa, pelo menos segundo o modelo de causação eficiente, é determiná-la, situá-la em uma série de eventos em que a um estado necessariamente se segue outro. A liberdade só pode surgir na natureza de maneira espontânea, como algo não deterministicamente moldado.<sup>6</sup>

Verifica-se, em particular, que o mecanismo darwiniano da evolução é incompatível com o conceito de livre arbítrio bíblico, sendo, dessa forma, carente de potencial para produzir uma metodologia capaz de contribuir com o discurso da evolução corpóreo-espiritual do ser humano, a qual depende do agir do Espírito Santo. A teoria evolucionária aceita naturalmente a noção de liberdade nos seres criados, uma vez que inclui eventos aleatórios e imprevisíveis no processo evolutivo das espécies. Contudo, essa interação da evolução com o livre arbítrio não anula a necessidade de um direcionamento inteligente, o que é totalmente antidarwiniano. A ação divina é ainda mais evidente e necessária quando se considera as características específicas do ser humano, dotado de uma liberdade plena, que envolve sua racionalidade e sua espiritualidade<sup>7</sup>.

<sup>3</sup> HAUGHT, Cristianismo e ciência, p. 152.

<sup>4</sup> TEILHARD DE CHARDIN, Christianity and Evolution, p. 81.

<sup>5</sup> HAUGHT, Cristianismo e ciência, p. 151.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 154.

<sup>7</sup> Ver uma nota em SOUZA, A evolução e a liberdade relativa da criação.



A estratégia acadêmica de encarar esse contratempo apela para a inclusão do conceito de livre arbítrio na esfera mitológica. O professor de teologia Marco Bonelli defende que a ação divina interage com a liberdade do ser humano em um processo evolutivo orientado para a plena realização da pessoa na comunhão com Deus<sup>8</sup>. Nesse processo, o sofrimento e as adversidades influenciam o desenvolvimento do ser humano em direção a sua completa realização. O significado disso, na perspectiva evolucionista, é que a maldição pronunciada sobre a terra (cf. Gn 3.17) assume indicativo de benção.

Assim, percebemos que aquilo que antes era visto como sinal de castigo (o caráter penoso e doloroso do desenvolvimento da vida humana na Terra) torna-se, quando considerando em perspectiva evolutiva, sinal de benção e de possibilidade de ampliar o desenvolvimento da criatividade e da liberdade do ser humano.<sup>9</sup>

Dessa forma, a teologia da natureza deflagra outra inversão de sentido nos textos sagrados.

Retornando à questão da falência da perfeição cósmica, a perspectiva de um universo evoluindo para a perfeição contrasta com o prenúncio bíblico e científico a respeito do aniquilamento cósmico.<sup>10</sup> Além disso, a suposição de um universo imperfeito desde sua origem destoa com a noção da redenção bíblica. O livro de Gênesis expõe que a escolha do homem pela inimizade com Deus provocou um desvio no curso original do mundo. A relação sublime e perfeita de Deus com a pessoa humana foi rompida e as consequências foram universais, uma vez que o eixo antrópico foi danificado. Alguma variação ocorreu no interior da natureza, causando um redirecionamento em sua produção e evolução (cf. Gn 3,14-24; Rm 8,20-23).

A partir da escolha humana pela inimizade com Deus, as decorrentes hostilidades naturais caracterizam o estado proveniente do afastamento do homem da presença divina. O caminho de volta a Deus foi aberto por Jesus Cristo na cruz do Calvário. Seu sofrimento não só pagou o alto preço do pecado, mas também foi um sublime ato de solidariedade com o sofrimento humano. Os efeitos sobre o universo são de renovação total. Pela fé em Cristo, o homem imediatamente se torna uma nova criatura, pronto para evoluir na comunhão com Deus.<sup>11</sup> Os que rejeitam a Cristo permanecem longe da presença de Deus. Enquanto prossegue o dilema humano, toda a criação aguarda por uma redenção (cf. Rm 8,20-23). Conforme se entende em 2 Pe 3,7-13, a renovação cósmica é a única forma de todos os sinais do pecado serem apagados, uma vez que o universo é comparado a um tesouro que contraiu impurezas e que precisa ser purificado pelo fogo. Novos céus e nova terra são imprescindíveis para a recepção dos redimidos de todos os tempos, para que, enfim, seja feita a vontade de Deus (cf. 1 Co 15,42-44.47-48). Por intermédio da glória de Jesus Cristo, o universo terá um fim e então um recomeço, a partir do qual não haverá mais morte nem sofrimento (cf. Ap 21.1-5).

A redenção bíblica consiste em um evento universal, como está escrito: “eis que faço novas todas as coisas”. Os seres humanos terão seus corpos regenerados (cf. Rm 8.23), os que

<sup>8</sup> BONELLI, Pessoa humana..., p. 166.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 182.

<sup>10</sup> Veja uma reflexão em SOUZA, Ciência e fé, Capítulo 4.

<sup>11</sup> Jo 3,3-6; 2 Co 5,17; Gl 6,15; Ef 2,10.4,24; Cl 3,10.



estiverem mortos ressuscitarão e aqueles que estiverem vivos serão transformados<sup>12</sup>. O corpo ressurreto será semelhante ao corpo ressurreto de Cristo<sup>13</sup>, transformado em corpo espiritual revestido de imortalidade<sup>14</sup>. Dessa forma, o homem será eternamente tudo quanto Deus pretendeu ao criá-lo (cf. 1 Co 2,9; Jo 17,3).

Evidentemente, a perspectiva evolucionista não contempla qualquer desvio no percurso do cosmo. O universo não perdeu sua perfeição, uma vez que nunca foi perfeito, mas evolui para a perfeição no futuro. Desta forma, não há necessidade de expiação para redenção, apenas a evolução é suficiente. Como questiona Haught:

Que necessidade cósmica haveria de expiação ou de bode expiatório se nada de significativo houvesse se perdido à época das origens cósmicas? [...] Não é a imaginação da *enormidade* do que supostamente se maculou por obra do pecado que engendra uma espécie de remorso, o qual, por sua vez, busca restauração por intermédio da expiação, e que, o que é pior, suscita um ressentimento sem fim e um espírito de vingança?<sup>15</sup>

Tais indagações procedem a acusações de que a visão de um sacrifício expiatório influenciou a tendência do ser humano em buscar culpados sempre que o sofrimento ou infortúnio ocorre e, no pior dos efeitos, influenciou sociedades a cometerem atos satânicos de sacrifício humano. Essa seria a principal justificativa para se refutar a ideia do sacrifício para a redenção conforme prega a tradição cristã. A conclusão de Haught é a seguinte:

O fato de o cristianismo ser uma religião essencialmente do futuro deve fazer a teologia superar com entusiasmo a circunstância de que a evolução é inconsistente com sedutores sonhos de reinstituição de uma gloriosa perfeição prístina. Consequentemente, não teria havido nenhuma “queda” literal de um paraíso cósmico no estado de imperfeição. A imperfeição esteve sempre presente desde o início, como o lado sombrio de um universo inacabado.<sup>16</sup>

Consequentemente, o sacrifício de Cristo não foi para redenção, reduzindo-se ao mero ato compassivo e solidário ao sofrimento do homem e da natureza.

No cenário evolutivo onde a completa realização humana se concretiza na perfeição futura, Bonelli assinala que a inteligência, o espírito e a liberdade combinam para promover um complexo processo de maturação no desenvolvimento humano, aprimorado por meio da autoavaliação de comportamento, do discernimento de erros e acertos e da produção de conhecimento, aprendizagem e comunhão com Deus.<sup>17</sup> Nesse processo, Deus se faz presente no íntimo mais profundo do ser humano, como fonte dinamizadora de sua evolução corpóreo-espiritual e amorosa que evolui do egoísmo à auteridade. Incidentalmente, o pecado ganha outro significado, com aspecto de resistência à evolução.

<sup>12</sup> 1 Co 15,51-52; 1 Ts 4,13-17.

<sup>13</sup> Rm 8,29; 1 Co 15,20.42-44.49; Fl 3,20-21; 1 Jo 3,2.

<sup>14</sup> Lc 24,31; Jo 20,19; 1 Co 15,44.53.

<sup>15</sup> HAUGHT, Cristianismo e ciência, p. 151.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 152.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 167.





De um lado, a interpretação evolutiva de Gn 1-3 nos mostra que o projeto de vida e plena comunhão dos seres humanos com Deus não possui sua referência principal no passado, num lugar mítico e sem consistência histórica e existencial para o homem. Ao contrário, esse projeto de comunhão aponta para o futuro, para as possibilidades de vida e de relações humanizadoras que o próprio ser humano deve construir. De outro lado, a aplicação dessa hermenêutica evolutiva ao texto bíblico cria a possibilidade de compreender que o pecado pode ser visto como uma forma de resistir à evolução. Neste aspecto, o pecado se manifesta como um obstáculo ou uma recusa que impede o ser humano de evoluir, precisamente naquelas situações que o capacitariam para humanizar-se mais e naquelas relações humanas que o homem deveria mobilizar, para aprofundar mais a sua cooperação com o projeto amoroso de Deus.<sup>18</sup>

Essa visão de evolução humana não vislumbra a renovação imediata pela fé no sacrifício salvífico de Jesus Cristo.

## **A PERFEIÇÃO DE JESUS E A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL DO HOMEM**

Ao negar a perfeição cósmica primordial, a teologia da natureza nega que um pecado pontual do homem tenha sido a causa de sua queda na imperfeição. Na visão evolucionista, o ser humano é imperfeito desde o início e o pecado significa o mero ato de resistir à evolução. Nenhuma criação perfeita foi concluída, prevendo-se a consumação da perfeição no futuro, afirmativa que choca com a plenitude do homem Jesus de Nazaré e contrasta com a evolução corpóreo-espiritual bíblica.

O ser humano faz parte da Criação Primária, sendo a principal entre todas as criaturas. A Bíblia nos mostra a criação especial do homem à semelhança de Deus, superior entre os seres criados, dotado de intelectualidade e de espírito. Com essas potencialidades, o homem é capaz de se relacionar de forma pessoal com o Criador, sendo esta a vontade divina desde o início. Perfeitamente formado e definitivamente pronto, o homem deveria evoluir no seu relacionamento com Deus. Porém, a má influência o fez alimentar o ego e acreditar que poderia seguir por conta própria. Enganado, desprezou seu Criador, rompeu com Sua amizade e interrompeu sua evolução. Felizmente, o amor e a misericórdia de Deus proporcionaram uma forma de reativar o processo evolutivo humano por meio das ações efetivas do Filho e do Espírito Santo.

De forma aprimorada, o significado bíblico da evolução corpóreo-espiritual é santificação. Para reaver o relacionamento, Deus requer que o homem se santifique, pois Ele é santo (cf. Lv 11,45; 1 Ts 4,7). A santificação é um processo (cf. Ap 22,11) que significa seguir o mandamento divino de amar Deus acima de todas as coisas e próximo como a si mesmo, deixando o domínio egocêntrico e evoluindo no sentido da plenitude de Cristo.<sup>19</sup> As Escrituras também descrevem uma evolução de caráter individual, a partir da conversão ao caminho da vida aberto por Jesus. Cada pessoa evolui individualmente sob a ação gentil do Espírito Santo, desgarrando-se, cada

<sup>18</sup> BONELLI, Pessoa humana..., p. 183.

<sup>19</sup> Ef 4,13; 2 Co 3,18; 1 Pe 13-16.



vez, mais de sua vontade carnal, para, assim, encher-se da presença de Deus e fazer a Sua vontade (cf. Ef 5,18). Portanto, Deus se relaciona em particular com cada redimido, promovendo uma transformação progressiva à semelhança de Jesus. Esse é o processo de santificação em que o homem verdadeiramente deixa o egoísmo e evolui na alteridade.

A plenitude humana foi vivida unicamente por Jesus de Nazaré, quem forneceu o padrão de vida a ser aspirado no processo de evolução pessoal. Por meio de uma vida de jejum, oração e leitura da Palavra de Deus, o Espírito Santo age paulatinamente na pessoa até que essa alcance a estatura espiritual do homem perfeito que foi Jesus (cf. Ef 4,13; 2 Co 3,18). Logo, a verdade bíblica apresenta Jesus como o auge da evolução, ou seja, a santidade plena, a santidade de Deus (cf. Ecl 7,20; Rm 3,10.11.23). Essa conquista humana se realizou no passado cósmico há mais de dois mil anos no tempo, fato que é incompatível com a perspectiva futurista da teologia da natureza. Ou seja, a encarnação do Filho de Deus é um evento completamente incompreensível pelo paradigma naturalista da evolução, sendo provavelmente necessário um nível mais elevado de concepção de universo.

O pensamento evolucionista também não permite compreender que a salvação do ser humano se realiza de forma imediata, a partir da fé no sacrifício expiatório de Jesus. Com efeito, a provisão da graça de Deus possibilitou a salvação do homem mediante o trabalho redimidor de Cristo. Planejada na eternidade, a salvação é efetuada no tempo cósmico, por meio da fé na provisão de Deus (cf. Jo 3,16). O sacrifício de um só homem imaculado promove a redenção que supre a necessidade criada pela escravidão de todos os homens ao pecado. Literalmente, pecar significa errar o alvo que Deus propôs em Seu projeto de criação. Em outras palavras, o pecado é a exaltação do próprio ego e o menosprezo ao Criador. O intelecto, as emoções e a vontade do homem são atingidos por esta má influência, tornando-o incapaz de entender as coisas espirituais (cf. 1 Co 2,14). A habilidade humana de escolher e de agir é limitada pela sua escravidão ao pecado (cf. Rm 6,17.20). A única libertação dessa escravidão é a graça redidora de Deus. Dessa forma, a salvação supre as necessidades do homem para evoluir na comunhão com o Criador. Portanto, para os salvos em Cristo, a evolução espiritual é uma realidade bíblica.

Nesses termos, a salvação é um ato exclusivo e imediato de Deus (cf. Lc 23,39-43), realizada nos crentes de todos os tempos. Cada redimido no seu tempo dá início a sua evolução espiritual-individual. Os preceitos evolucionistas evidentemente não sustentam essa individualidade evolutiva temporalmente variável, pois comporta uma evolução universal, dirigida para um estado de perfeição no futuro, o que implica a humanidade evoluindo como um só corpo até uma póstuma comunhão com o Criador. A salvação imediata é incompatível com o processo evolutivo natural, que progride lentamente, respeitando as leis da natureza. Além disso, esse projeto de comunhão futurista aponta para as possibilidades de vida e de relações humanizadoras construídas pelo próprio ser humano. O ato de pecar é o oposto de evoluir, de forma que o pecado se manifesta como uma recusa que impede o homem de evoluir em sua humanização e em suas relações humanas cooperadoras com o projeto divino.<sup>20</sup> Logo, na perspectiva evolucionista, o homem é capaz de evoluir sem a necessidade de uma intervenção divina. A ação de Deus está sempre presente no íntimo do ser humano, guiando-o para a plena realização. Assim, não há necessidade de redenção, apenas a decisão do homem é suficiente. A salvação somente faz sentido no futuro cósmico, perdendo a instantaneidade do ato executivo

<sup>20</sup> BONELLI, Pessoa humana..., p. 183.



de Deus. Ou seja, os preceitos evolucionistas sustentam uma cosmovisão em que o ser humano não carece de salvação imediata.

É certo que o pecado impede os seres humanos de se relacionarem conforme o projeto de Deus, pois o pecador constantemente erra o alvo que Deus propôs para o ser humano. Olhar o pecado em uma perspectiva evolucionista não acrescenta novidade alguma. Pelo contrário, aponta-o como uma situação de normalidade dentro da evolução cósmica. Todavia, o pecado é uma circunstância muito mais grave e complexa que um mero obstáculo que impede o ser humano de evoluir. O pecado é a fonte de todas as desventuras do homem, pois o destitui da presença de Deus. Foi necessária a morte do Filho de Deus para que o homem fosse livre da escravidão do pecado. Diante disso, a concepção de pecado, na visão evolucionista, é demasiadamente fraca comparada à enormidade da ofensa a Deus, como revelada nas Escrituras.

## CONCLUSÃO

A teologia da natureza agregou o pensamento evolucionista à reflexão sobre a origem e o futuro do cosmo e da humanidade. Com a integração dos preceitos da teoria da evolução, a cosmovisão cristã foi rediscutida, gerando-se interpretações alternativas da perfeição da Criação, do livre arbítrio, do pecado e da redenção. As incursões do pensamento evolucionista deflagraram inversões de sentido das concepções cristãs tradicionais. Na perspectiva evolucionária, não houve perfeição cósmica primordial, logo, não houve a queda na imperfeição, nem a queda do homem. Assim, o sacrifício de Cristo não foi para redenção, e a salvação não é imediata pela fé na graça salvadora. A Criação é inacabada, imperfeita desde o princípio, e sua perfeição ocorrerá no futuro cósmico. De igual forma, o ser humano nunca foi perfeito, mas evolui para sua completa realização vindoura. Evolutivamente inexplicável, o homem Jesus de Nazaré viveu sua perfeição no passado cósmico.

Somente a Palavra de Deus tem a propriedade e a autoridade de explicar a completude do ser humano (cf. Hb 4,12; 1 Co 2,4-16). Além disso, as Escrituras Sagradas expõem, próprio e apuradamente, o caráter evolutivo do homem, sendo, portanto, desnecessária a aplicação do paradigma darwiniano na reflexão antropológica. Em qualquer caso, a teoria evolucionária natural deve ser pensada com muita cautela na reflexão teológica, pois a inversão das autoridades é justamente a causa das inversões de sentido das concepções cristãs. Além disso, uma teologia pautada em consensos naturalistas tende a menosprezar a intensidade do desejo divino em se reconciliar com o homem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONELLI, M. A. G. Pessoa humana: liberdade em processo de evolução dinamizado pela graça, In: RUBIO, A. G.; AMADO, J. P. *Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulinas, 2012.

DUNCAN, D. *Doutrina da salvação*. Campinas: ICI Brasil – Global University, 2007.





**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 13, n. 23, jan/jun, 2019,  
p. 58-66**

HAUGHT, J. F. *Cristianismo e ciência: para uma teologia da natureza*. São Paulo: Paulinas, 2009.

SOUZA, J. A. *Ciência e fé: do início ao fim*. Curitiba: Prismas, 2016.

\_\_\_\_\_. A evolução e a liberdade relativa da criação. *Revista Cultura Teológica*, São Paulo, ano XXVI, n. 91, p. 167-185, Jan/Jun 2018.

TEILHARD DE CHARDIN, P., *Christianity and Evolution*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1969.

Recebido em: 13/08/2018

Aprovado em: 10/05/2019